

# APORTES SOBRE A VIRTUALIZAÇÃO DE ACERVOS MNEMÔNICOS A PARTIR DO PROJETO MIS (2009-2011)

CONTRIBUTIONS ON VIRTUALIZATION ACERVOS MNEMONICS FROM MIS PROJECT (2009-2011)

Jael dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo discutirá a disponibilização de acervos museais na internet a partir de experiência vivenciada em um Projeto de Extensão desenvolvido junto ao Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná (CEPEDAL) e cujo objetivo é digitalizar a documentação imagética do Museu da Imagem e do Som (MIS) da cidade de Cascavel/PR. Dessa maneira, serão discutidos os meandros técnicos que envolvem a execução do referido projeto, bem como as práticas (ações) que propõem viabilizar modos acessíveis de contato entre o público e os documentos, além de garantir a sua conservação. Propomos, igualmente, questionamentos a luz da relação histórica entre os centros de memória, a memória enquanto representação social na era da informação e o uso da técnica (sobretudo a internet) na preservação e exposição de documentos históricos.

**Palavras-chave:** memória; museus; internet.

## Apresentação:

Logo, logo fazer uma visita ao museu da imagem e do som de Cascavel vai ficar muito mais fácil. De casa mesmo, pela internet, você poderá ter acesso a milhares de fotos. É a tecnologia ajudando a preservar a história de Cascavel.<sup>2</sup>

A epígrafe supracitada corresponde à parte da matéria jornalística veiculada pelo jornal Paraná

**Abstract:** This present article will discuss the availability of the museological collections from the internet from experience in an Extension Project developed by the Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná (CEPEDAL) and whose purpose is to scan the imagetic documentation of the Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel/PR. Thus, we will discuss the technical intricacies involving the execution of the project and practices (actions) that propose viable modes accessible contact between the public and documents, and ensure their preservation. We propose, also, questions under the light of the historical relationship between the centers of memory, the memory while social representation in the information age and the use of technology (especially the Internet) in the preservation and exhibition of historical documents.

**Keywords:** memory; museums; internet.

TV no dia 06/11/2009, por ocasião do início dos trabalhos do Projeto de extensão “Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel.”<sup>3</sup> A emissora RPC-TV cobriu parte dos trabalhos realizados pela equipe do projeto e narrou a seus telespectadores os procedimentos (ações) a serem desenvolvidos no trato da coleção fotográfica do Museu da Imagem e do Som de Cascavel (MIS).<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Integrante da equipe de trabalho do projeto de extensão “Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel”, sob coordenação do Prof. Dr. Marcos Nestor Stein. Aluno do Curso de História da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon, 4º. Ano. E-mail para contato: jaelsantos89@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Matéria jornalística produzida e veiculada pelo jornal Paraná TV no dia 06/11/2009. A cópia dessa reportagem está contida em arquivo pessoal do autor.

<sup>3</sup>O Projeto “Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel”, originou-se a partir de um convênio de parceria técnica e científica entre a UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – e a Prefeitura Municipal de Cascavel.

<sup>4</sup>Para o acesso à coleção virtual, acessar: <http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu>.

O MIS é um museu histórico que foi fundado no dia 21 de abril de 1988, a partir da Lei Municipal nº 1991/88. Sua sede se encontra no Centro Cultural Gilberto Mayer<sup>5</sup> e funciona de modo integrado ao Museu Histórico de Cascavel Celso Formighieri Sperança. O MIS de Cascavel preocupa-se fundamentalmente com suportes audiovisuais. Atualmente seu acervo documental contém cerca de 50 mil objetos de natureza diversificada. Entre eles há fotografias, negativos, áudios e vídeos. O principal banco de dados é o fotográfico, cujo acervo possui cerca de 40 mil documentos. O MIS surgiu a partir da necessidade da salvaguarda dos acervos fotográficos presentes na coleção da prefeitura municipal do município<sup>6</sup>. O principal propósito de seu funcionamento, segundo informação presente no site da instituição é “resgatar, inventariar e preservar os bens pertencentes à memória artístico-cultural e histórica da cidade de Cascavel”.<sup>7</sup>

A partir da narrativa jornalística destacada na epígrafe, presumimos que após a virtualização tudo se tornará mais fácil. Dentre outras vantagens, o sujeito não mais precisará se deslocar até o museu para observar algumas imagens fotográficas, pois terá acesso a milhares no conforto de sua casa. Desse modo, também dispenderá menos tempo, menos energia, e, mesmo assim, manterá contato com “a História”. Obviamente, será auxiliado pela tecnologia, a qual está a serviço da recuperação, manutenção e exibição do que se considera o passado “coletivo” de Cascavel, consubstanciado na coleção fotográfica que compõe o acervo do Museu da Imagem e do Som.

O texto da reportagem, ao se referir às vantagens da execução do Projeto MIS, destaca

elementos cuja análise é importante. Em outros termos, é necessário que se faça uma problematização dos sentidos atribuídos à transmutação de acervos museais (mnemônicos) para ambiente virtual, seus aspectos técnicos, sociais e políticos<sup>8</sup>. Da mesma maneira, devem-se discutir os significados da crescente vinculação entre a sociedade e os dispositivos informacionais, sobretudo as mídias como a internet. Discutir tais questões, cabe sublinhar, ajuda a compreendermos até que ponto as novas tecnologias estão realmente a serviço da história, que história é essa e, sobretudo, quais contradições estão presentes nessa relação.

### **Mídia e centros de memória: a historicidade de suas aproximações:**

As mídias<sup>9</sup> – meios e instrumentos para obtenção e difusão de informações – e os artefatos tecnológicos são parte importante do cotidiano do sujeito contemporâneo na medida em que se confundem com o atual presente histórico. À baila com a midiática emergem as promessas de praticidade, quantidade, comodidade e agilidade, características almejadas face à lógica capitalista do “quanto mais, melhor”.<sup>10</sup>

Não obstante, percebemos a adoção constante de modelos de organização e gerenciamento que permanentemente mudam o modo como apreendemos o mundo, construímos nossas sociabilidades e estabilizamos nossa identidade.<sup>11</sup> O sujeito contemporâneo está sendo permanentemente tensionado por quantidades cada vez maiores de informações, destacando-se a imaterialidade das imagens, dos sons e a

<sup>5</sup>O Centro Cultural Gilberto Mayer está situado na Rua Duque de Caixa, 379, centro de Cascavel.

<sup>6</sup>Essa informação foi passada por Pietro Tebaldi, fundador da entidade, em uma conversa informal.

<sup>7</sup>PREFEITURA DE CASCAVEL. Página de Informações Sobre o Museu da Imagem e do Som. In: \_\_\_\_\_ **Página da Prefeitura Municipal de Cascavel**. Cascavel: Prefeitura Municipal de Cascavel, 2010. Disponível em: <<http://cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/historia-do-museu.php>> Acesso em: 25 de novembro 2010.

<sup>8</sup>Obviamente, não estamos fazendo apologias a não utilização da tecnologia na preservação e exibição de acervos, algo que julgamos essencial ser levado a diante. Procurar-se-á, contudo, refletir sobre alguns pontos lacunares nesse processo, nos contrapondo aos discursos que apareçam uma aparente plena positividade sobre as múltiplas possibilidades quando na utilização de inovações técnicas e científicas.

<sup>9</sup>Por mídias podemos entender os meios de comunicação cujo propósito é veicular informações, imagens e dados a grandes quantidades de pessoas. Podem ser consideradas mídias os jornais, os livros, as fotografias, os filmes, o rádio, os LP’s, os CD’s, a televisão e a internet. As mídias são produtos da modernidade, todavia podemos identificar sua origem no século XV, a partir da invenção da prensa por Gutenberg, sendo expandida a dimensões globais com a internet, na segunda metade do século XX. Para mais informações ver: BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma História Social da Mídia**. De Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.; THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da Mídia**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>10</sup>LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

<sup>11</sup>Sobre o conceito de identidade ver: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

flexibilidade dos hipertextos. Na literatura há várias posições que se detêm à reflexão sobre tal processo, sobretudo no que tange a ideia de um mundo ou plano virtual, seu caráter imaterial e a destituição de suas propriedades espaço temporais.<sup>12</sup>

A construção de uma ideia dos centros de memória e patrimônio (museus), referindo-nos aos modelos predominantes no ocidente, durante os últimos dois séculos, esteve marcada por uma série de paradigmas. A matriz dessa prática surge a partir de uma síntese de pressupostos, intimamente ligados a expressões e relações de poder, a saber: primeiramente as práticas colecionistas predominantes na idade média, nas quais se sobressaía a ideia de se manter o máximo de objetos possíveis, todavia envoltos sob ares de mistério e intocabilidade (representação expressa na ideia dos tesouros, catacumbas e masmorras). Na era moderna tal concepção assume contornos diferentes quando levada a diante pela nobreza europeia, servindo de argumento para afirmar o poderio das famílias, sendo ponto de disputas entre essas.<sup>13</sup>

Durante o século XIX as concepções colecionistas e exclusivistas passam a ser questionadas. O movimento revolucionário na França e a popularização dos ideais iluministas permitiram que grandes transformações políticas e culturais fossem disseminadas junto à sociedade europeia. Do projeto democrático burguês emerge a proposta de desenvolver releituras de valores orientadas fundamentalmente por discursos de positividade.

Nesse sentido, às coleções sobrevêm amplas releituras de paradigmas. De espaços e coleções particulares de ostentação e exclusividade passam a se constituir entidades organizadas pelos Estados-nação, recém-constituídos. Os objetos, fossem de ordem cultural, natural ou social, passam a ser pensados enquanto suportes de valor coletivo, o que solidificou a ideia de ser necessário conservá-los. Passa-se, nesse sentido, da valorização de uma prática (coleccionar) para uma que visou a

construção de sentidos, sobretudo narrativas de ordem memorial coletiva.

Tal processo moldou o que atualmente chamamos formalmente de museu. A esses, por sua vez, caberia grande responsabilidade em face ao cenário político e à fabricação do *status quo*, implicando ao ato de guardar e preservar a adoção de referenciais, modelos, projetos de mundo e sociedade lançados à coletividade. Também coube o encargo de assegurar a legitimidade e desenvolver concepções norteadoras do que devia ou não ser lembrado e preservado. Nesse bojo a concepção de patrimônio é reapropriada e redefinida. Tais processos mostraram-se difusos, pois o ato preservacionista está impregnado de subjetividade, embora as narrativas pretendessem ser científicas e objetivas. Conforme Chagas:

A noção moderna de patrimônio e suas diferentes qualificações, assim como a moderna noção de museu (casa de memória e poder) e suas diferentes tipologias, não têm mais de duzentos e cinquenta anos. Filhas do Iluminismo, nascidas no século XVIII, no bojo da formação dos Estados-Nação, elas consolidaram-se no século seguinte e atingiram com pujança o século XX, provocando ainda hoje inúmeros debates em torno das suas universalidades e das suas singularidades, das suas classificações como instituições ou mentalidades de interesse global, nacional, regional ou local.<sup>14</sup>

Durante o século XX, sobretudo em suas últimas décadas, grandes tensões incidiram sobre o mundo ocidental. Em várias partes do mundo emerge uma intensa proliferação de discursos de memória produzidos sob a sombra de uma série de eventos políticos de alcance mundial.<sup>15</sup> Colaboraram as transformações provocadas pela influência cada vez mais intensa da tecnologia e das mídias de massa no cotidiano, consoantes aos novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global.

<sup>12</sup>O debate acerca da ideia de virtual não será aprofundado nesse texto. Todavia, para se conhecer algumas posições, entre catastrofistas e otimistas, respectivamente, consultar: VIRÍLIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: 34, 1999.; LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>13</sup>Para aprofundar esse debate ver: SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>14</sup>CHAGAS, Mario. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: Gondar, Jô e Dodebei, Vera (orgs). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

<sup>15</sup>Dentre todos podemos citar alguns como: a queda dos regimes civil-militares na América Latina, o fim do Apartheid na África do Sul e a queda do regime comunista e do muro de Berlim.

François Hartog<sup>16</sup>, ao refletir sobre tais questões, pauta que a sociedade ocidental capitalista, por meio de sua constante racionalização, transformou seu regime de percepção espaço temporal. Tal modelo seria contrário ao paradigma temporal historicamente vinculado aos filósofos iluministas, os quais criam na possibilidade de um futuro previsível e controlável sob a luz da razão. O indivíduo contemporâneo, porém, estaria submetido a um permanente devir do presente, designado por Hartog como um novo regime de historicidade: o presentismo.

Nesse sentido, explode a externalização de suportes de memória no ocidente, expressos a partir da construção de museus, monumentos e memoriais. Não obstante, também a criação de ritos, festas, datas, etc. O historiador Pierre Nora identificou essa volubilidade ao afirmar que no ocidente, devido à manifestação cada vez mais escassa de memórias espontâneas, houve a proliferação do que ele chama lugares de memória:

a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. (...) O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.<sup>17</sup>

As mídias, dos mais variados tipos, assumiram papel de mediadoras entre o saber histórico e o público. A memória tornou-se um negócio extremamente rentável. Revistas, documentários, filmes e até um canal de TV, o "History Channel", foram produzidos para disseminar os discursos de memória em escala global<sup>18</sup>. Cabe destacar, porém, que esses foram em grande medida fabricados, obedecendo à lógica do "mercado midiático da memória". Conforme Huyssen:

Quaisquer que tenham sido as causas sociais e políticas do crescimento explosivo da memória nas suas várias subtramas, geografias e setorializações, uma coisa é

certa: não podemos discutir memória pessoal, geracional ou pública sem considerar a enorme influência das novas tecnologias de mídia como veículos para todas as formas de memória.<sup>19</sup>

Essa externalização de memória foi lida por muitos historiadores enquanto manifestação de uma "crise de memória", evidenciada na pulverização dos vetores de leitura e compreensão (imagens, sons, sinais eletrônicos) os quais produzem sentidos mnemônicos. Esse amplo quadro de transformações proporcionou um paradoxo aos museus. Ao mesmo tempo em que a sua existência passou a ser almejada por grupos, movimentos sociais e governos, também perderam espaço no processo de produção do conhecimento face às mídias. Ainda de acordo com Huyssen:

A velocidade sempre crescente das inovações técnicas, científicas e culturais gera quantidades cada vez maior de produtos que já nascem praticamente obsoletos, contraindo objetivamente a expansão cronológica do que pode ser considerado o (afiado qual gume) presente em cada época.<sup>20</sup>

Contudo, tal conjuntura não pode ser atribuída somente às incursões midiáticas no campo mnemônico, mas também ao gradativo desgaste da materialidade na sociedade ocidental durante o século XX e início do XXI. A comunicação de massas, ancorada na concepção de informação e na propulsão de sinais (TV, rádio, internet, etc.), paulatinamente sufocou a ponte museu/público e propôs outros paradigmas espaço temporais à sociedade.

Ao que podemos considerar, a funcionalização dos centros memoriais, sejam físicos ou virtuais, historicamente esteve relacionada às demandas originadas pelas dinâmicas da sociedade. A informática se fez presente de maneira dúbia nesse processo, pois ao mesmo tempo em que apresenta excelentes possibilidades no que tange a salvaguarda e

<sup>16</sup>HARTOG, François. **Regime de Historicidade**. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/heros/excerpta/hartog.html>>. Acesso: 09 Jul 2011.

<sup>17</sup>NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo. n 10, dez. 1993. p. 7.

<sup>18</sup>HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 11.

<sup>19</sup>Ibidem. p. 20-21.

<sup>20</sup>Ibidem. p. 36.

exibição das coleções museais, também parece ter se tornado mecanismo de convencimento coletivo, sobretudo face à guarda e exibição de dados e documentos. Ao computador, a partir de seus discos rígidos e memórias intermináveis, parece ter sido atribuída a capacidade de armazenar o passado de vidas e coletividades e assegurar a sua permanência, sempre “vivo”, pronto a ser visualizado no presente a partir imagens, filmes, documentários e cliques. Sobre tais questões, para Joel Cândau a sociedade contemporânea:

produz traços e imagens a um nível jamais visto na história das sociedades humanas, estando em parte submisso às ideologias da “segurança” da história e da memória que conduzem a tudo conservar, tudo armazenar, musealizar a totalidade do mundo conhecido e, por outro lado, continuando a produzir mais informações e imagens.<sup>21</sup>

Nesse sentido, face ao projeto de centro de memória historicamente constituído (proposto à guarda e armazenamento de suportes), o computador se constituiu enquanto o melhor instrumento mnemônico já inventado. Tal maquinaria permitiu aos seres humanos constituírem seus museus e bibliotecas particulares. Essas possibilidades questionam a existência dos museus públicos, bem como aqueles ligados a entidades, famílias, grupos, etc. Esses centros de memória, em grande medida vinculados a narrativas personalistas, comumente são considerados espaços nos quais predomina o puro passado, o estático, o arcaico, etc.

Faz-se, portanto, necessário aos indivíduos que trabalham com a produção de arquivos e acervos virtuais pensar em alternativas que possam torna-los interessantes para o público, sem abrir mão da reflexão sobre as implicações de tal processo. Esse parece ser um dos principais desafios no processo de construção dos centros de memória atualmente. Nesse bojo podemos incluir o Projeto

MIS, o qual visa diversas finalidades, sendo as principais ligadas aos elementos até então discutidos. A materialização de tal iniciativa pode ser lida enquanto síntese de um processo mais amplo que envolve história, tecnologia e a gestão social de suportes memoriais. Para Ulpiano de Meneses:

A produção do conhecimento histórico deve ser indissociável do conhecimento (histórico) da produção do documento, no seu sentido mais amplo. A complexidade introduzida pela sociedade de informação não acarreta tanto novas exigências técnicas ao conhecimento, quanto as torna mais diversificadas, em relação à documentação tradicional, pela maior amplitude do horizonte sociocultural em que se situam.<sup>22</sup>

Mas, diante de tal quadro, cabem algumas questões, a saber: quais procedimentos (ações) são realizados, e possíveis, para equalizarmos os problemas de ordem documental – coleta, trato, catalogação, disposição e exibição – sobretudo no que tange ao ofício do historiador que trabalha com arquivos e centros de documentação? Qual a dimensão política dessa passagem na medida em que entendemos os suportes de memória como representações sociais no bojo da sociedade da informação, na qual tudo parece poder ser visto, lido, consumido e, portanto, mnemonicamente apropriado<sup>23</sup>? Quais as implicações desse processo para o futuro dos centros de memória, tanto do ponto de vista técnico quanto político?

**Das memórias reais aos acervos virtuais: ações para o trato documental a partir do Projeto “Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel”**

Para responder as questões acima elencadas partiremos de duas constatações, ligadas às reflexões anteriores. Todavia daqui em diante as situaremos tendo em vista, primeiramente, as

<sup>21</sup>CÂNDUAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 113.

<sup>22</sup>MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A Crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In: \_\_\_\_\_ SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e memória**. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP: FAPESP, 1999. p. 24.

<sup>23</sup>Nesse aspecto podemos situar a funcionalidades das múltiplas práticas e representações que envolvem a seleção, organização, hierarquização, apaziguação de conflitos, etc. Em outras palavras, as tensões que envolvem a gestão de um conjunto de memórias e a disposição dessas quando no contato com o público.

atividades executadas no Projeto MIS, depois discutiremos algumas implicações de teor político. Os centros de memória, reais ou virtuais, possuem propriedades historicamente constituídas que os vinculam a tais condicionantes, aqui não necessariamente dispostos em ordem hierárquica e podendo haver outras:

- a) Primeiramente ligadas aos aspectos técnicos de coleta, trato e coleção de objetos. Também se inclui a tarefa de disposição desses em uma determinada espacialidade. Talvez essa seja a primeira atribuição comumente dada aos centros de memória, coletar, preservar e exibir. Na sociedade da informação, podemos inserir as ações que envolvem a virtualização dos acervos, as técnicas de armazenamento, geração de arquivos (projeções virtuais) e os mecanismos que envolvem a garantia dos direitos sobre os documentos.
- b) O segundo elemento, e seguramente o mais importante no que tange as suas funções memoriais, corresponde à funcionalidade política dos centros de memória, a qual nos permite refletir os propósitos de se coletar e organizar uma coleção, bem como os meandros que envolvem a atribuição de sentidos históricos ao conjunto de documentos.

Tratando do primeiro ponto, é importante situar que para realizar a transição de um acervo físico, de qualquer teor, a um endereço eletrônico é necessário não somente uma boa base de dados e uma equipe de técnicos em informática preparada. Convém lembrar que, para além dos demais propósitos do espaço, um centro de memória é essencialmente uma coleção de objetos, por mais variada que seja. E uma coleção exige determinados cuidados (ações) para que seja exibida de modo apropriado ao público, tanto materialmente quanto virtualmente.

Nesse sentido, procuraremos discutir as diferentes ações empreendidas junto ao acervo fotográfico: da chegada das pastas físicas ao depósito de cópias digitais da documentação no site do MIS. A execução do Projeto passa por várias etapas, sendo que o objetivo não é somente organizar o acervo online, mas garantir que as

fotografias físicas recebessem múltiplos cuidados e, a partir desses, tenham condições apropriadas para sua preservação. Assim, como demonstra Anunciada Cólón Carvajal, preservar expressa a necessidade de:

(...) que os fundos documentais devem ser objetos de ações de diferentes tipos como a restauração, a conservação dos fundos nas condições climáticas adequadas e a realização de cópias de documentos originais, com objetivo de evitar o manuseio pelos pesquisadores e garantir o acesso futuro à informação que contém. Desta forma a reprodução de fundos é uma metodologia a seguir do ponto de vista preventivo e uma solução para frear a deterioração pelo manuseio de documentos com graves problemas de conservação.<sup>24</sup>

A preservação, portanto, não pode ser assegurada a partir de etapas desconexas, mas pela construção de métodos racionais e efetivos. A efetividade, por sua vez, só é mensurada tendo em vista os resultados. É imprescindível, portanto, a concepção de que as ações necessitam ser pensadas e readaptadas constantemente, tendo em vista as demandas do projeto ao qual se vinculam. Durante a descrição das etapas os leitores poderão perceber que a maioria dos métodos do projeto de extensão sofreram mudanças no decorrer dos dois anos.

A partir desse texto não estamos estabelecendo um padrão formal de ações para fundos fotográficos. As metodologias são definidas de acordo com as necessidades e recursos disponíveis em cada situação. Nesse sentido, a exposição desses processos serve muito mais ao propósito de partilhar as experiências vivenciadas durante o projeto de extensão do que em propor um método formal de atividades.

O primeiro procedimento realizado pela equipe após receber as imagens é a higienização. Em linhas gerais, tal etapa consiste em limpar os documentos (no sentido mais literal do termo). Desempenha-se a partir desse ato uma função primordial para a conservação da coleção. Segundo Spinelli tal tratamento:

<sup>24</sup>ANDRADE, Ana Célia Navarro de. Microfilmagem ou Digitalização? O problema da escolha certa. In: SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e memória**. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP: FAPESP, 1999. p. 100.

é de fundamental importância para um acervo bibliográfico e documental. Dentre todas as vantagens que apresenta, há uma, ou seja, a eliminação do máximo possível de todas as sujidades extrínsecas às obras, que é inerente ao seu próprio desenvolvimento.<sup>25</sup>

A higienização das fotografias é iniciada assim que chegam ao CEPEDAL. As imagens chegam acomodadas em pastas de arquivo e dispostas em papel PH neutro. O processo é executado com materiais específicos. Conta-se com a produção de trouxas de limpeza – compostas por farelo de látex – que são capazes de eliminar a sujeira e pincéis próprios para o trabalho, fabricados a partir de pêlo de marta, animal da espécie dos mustelídeos, oriundo de áreas florestais do hemisfério norte. Outros materiais também são utilizados com a finalidade de proteger os executores do projeto do contato com os resíduos: jaleco, luvas de látex, máscaras cirúrgicas e óculos protetores (Figura 01).

**FIGURA 01:**  
EQUIPAMENTOS UTILIZADOS NA HIGIENIZAÇÃO



FONTE: SANTOS, Jael dos. **Equipamentos utilizados na higienização**. 2011. 01 Fotografia, color., Altura: 2736 pixels. Largura: 3648 pixels. 1,77 MB. Formato JPEG.

O próximo procedimento realizado é a catalogação. A forma como os documentos foram catalogados seguiu as convenções inicialmente definidas em conjunto (tanto do CEPEDAL quanto do Museu da Imagem e do Som). Contudo, a execução dos trabalhos levou a necessidade de se realizarem modificações no processo de catalogação. Convém registrar aqui que algumas

das mudanças realizadas resultaram de algumas discordâncias sobre o assunto existentes entre os membros da equipe responsável pela execução do projeto. Fato que demonstra que o trabalho de preservação de documentos é bem mais dinâmico e conflituoso que a primeira vista demonstra ser.

Fichas catalográficas são elementos de extrema importância para um arquivo, independentemente de sua natureza. No caso das fotografias, a necessidade é ainda mais premente devido às suas particularidades. As imagens, não só as fotografias, são mudas, seu horizonte de expressão é o visual. É, portanto, um erro abrir mão de outra linguagem, como a escrita. Essa metodologia não sufoca a capacidade do documento imagético “falar” a partir de suas próprias características, mas permite que o pesquisador possa estar mais próximo de realizar perguntas cabíveis. Boris Kossoy chama a atenção para a necessidade de sistematizar as informações a respeito das imagens:

O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado de informações iconográficas (necessárias aos estudos comparativos) e das informações escritas de diferentes naturezas contidas nos arquivos oficiais e particulares (...). De outra forma, jamais traremos elementos sólidos de apoio e as pistas necessárias para a correta identificação dos assuntos representados. É um engano pensar-se que o estudo da imagem enquanto processo de conhecimento poderá abdicar de signo escrito.<sup>26</sup>

A ficha que contém os dados catalográficos foi desenvolvida pela equipe do Museu da Imagem e do Som de Cascavel e contém elementos como: data da imagem, tema, assunto, galeria, créditos, doador, gestão (prefeitos), tipo da imagem (colorida ou não), identificação, tamanho da foto e sua descrição. Esses dados são importantes não somente nessa etapa, mas também na inserção das imagens na internet, pois tais informações constam ao lado das imagens quando essas são acessadas na página do projeto.

<sup>25</sup>SPINELLI, Júnior, Jayme. *A conservação de acervos bibliográficos & documentais*. Rio de Janeiro: **Fundação Biblioteca Nacional**, Dep. de Processos Técnicos, 1997. p. 40.

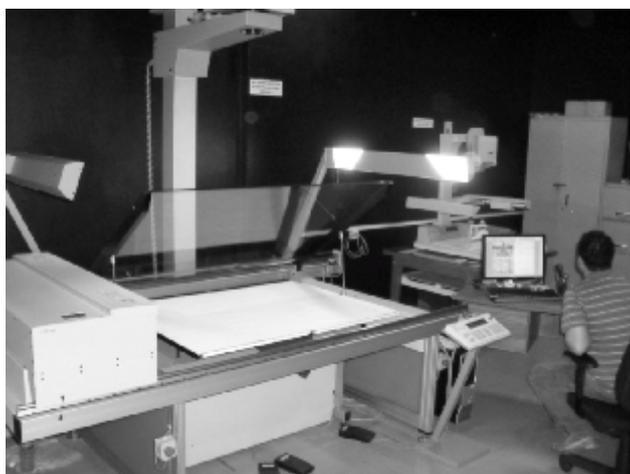
<sup>26</sup>KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989. p. 51.

A próxima etapa corresponde ao processo de digitalização e a disponibilização dos arquivos eletrônicos. Tal etapa consiste em realizar a transformação das fotografias em formato digital. Para Spinelli:

Como vantagens, a digitalização possibilita a realização simultânea da visualização imediata da imagem, do ajuste de parâmetros de captura e do controle de paginação, resultando, assim, no controle imediato da qualidade da imagem capturada (...) garantia de legibilidade das páginas digitalizadas, em razão da intervenção direta do operador; migração automática do documento para o arquivo óptico durante o processo de gerenciamento de armazenamento; e rápida recuperação da informação.<sup>27</sup>

Para realizar a digitalização do acervo do MIS, utiliza-se os equipamentos instalados no Laboratório de Microfilmagem e Digitalização, órgão de apoio à pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em História da UNIOESTE. O referido órgão dispõe de equipamentos (Figura 2) capazes de realizar o escaneamento dos grupos de imagens, em alta e baixa resolução, atendendo aos propósitos do Projeto.

**FIGURA 2: ESCÂNER UTILIZADO NA DIGITALIZAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DO MIS**



FONTE: SANTOS, Jael dos. Escâner. 2011. 01 Fotografia, color. Altura: 2736 pixels. Largura: 3648 pixels. 1,78 MB. Formato JPEG.

Após a digitalização, as imagens são geradas em três versões distintas. A primeira delas é feita com todas as imagens de cada pasta. Esse arquivo é chamado de “original”, por portar a matriz que originará as demais cópias. Aos arquivos “originais” é atribuído o sufixo “O” na nomenclatura do arquivo.

A utilização do termo “original” não está relacionado à concepção de originalidade ou unicidade, mas tão somente ao procedimento técnico de geração de múltiplos arquivos a partir de um vínculo lógico, expresso na nomenclatura. Nesse sentido, poderíamos atribuir o termo “matriz” ou outro qualquer. Reivindicar a concepção de originalidade é extremamente problemático quando se lida com a geração de arquivos eletrônicos, ainda mais com fotografias, cujas propriedades permitem a serialidade. Para Jardim:

O conceito de *documento original* não é aplicável na gestão dos documentos eletrônicos que, ao contrário dos papéis, não são entidades físicas, mas sim entidades lógicas. (...) Daí, a importância de os arquivos reterem as informações sobre as relações lógicas referentes aos documentos eletrônicos.<sup>28</sup>

A partir da “original”, e utilizando *softwares* apropriados, se recortam as cópias e se geram duas reproduções (arquivos) de cada fotografia. Uma em alta resolução (em formato TIFF), e a outra em baixa resolução (em formato JPEG). Cada um dos conjuntos é acomodado em pastas distintas no interior dos DVD's. A essas são atribuídas acréscimos nominais, “A” para alta e “B” para baixa, tendo em vista os formatos de cada conjunto de arquivos.

A produção de duas versões das imagens digitalizadas (“A” e “B”) é necessária por várias razões. A alta resolução permite que trabalhos mais apurados sejam viabilizados pelo seu nível de detalhe. O tamanho em disco que ocupam, porém, inviabilizam o lançamento no servidor da Prefeitura de Cascavel. Para essa finalidade são criadas as imagens em baixa resolução que dispõe de qualidade menor, porém, com nível compatível as capacidades do sistema.

<sup>27</sup>SPINELLI, 1997, op. cit., p. 25.

<sup>28</sup>JARDIM, José Maria. As novas tecnologias da informação e o futuro dos arquivos. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992. p. 254.

Para fins organizativos foi desenvolvido um sistema de nomenclatura pelo Professor Dr. Paulo José Koling<sup>29</sup>. A nomenclatura tem por finalidade o controle da geração dos arquivos e armazenamento desses. Tal sistema demonstrou-se de extrema valia no decorrer do projeto, pois nos proporcionou um método seguro de organizar a coleção digital nas pastas virtuais. O sistema foi adotado por entendermos que a numeração utilizada pelo MIS é muito lacunar, pois leva em consideração a atribuição de números contínuos (1, 2, 3, 4...), que não expressaram boas perspectivas, mesmo quando nos deparamos com problemas simples como erros relativos à lacunas numéricas na coleção. Para Camargo:

Seguramente, a grande transformação que vem atingindo e desafiando os profissionais que atuam na preservação e organização do patrimônio documental em nossos dias é a exigência da informação exata, para atender necessidades imediatas, manifesta pela maior parte dos segmentos sociais, instituições científicas, órgãos governamentais, empresas e quantos usuários se puderem identificar nesse momento.<sup>30</sup>

Todavia, prezamos pela continuidade da numeração do MIS e persistimos em levá-la em consideração, pois entendemos que mesmo sendo falha em certos aspectos, proporciona mais um norte de controle. O que foi fundamental nesse projeto experimental foi a orientação numérica que deve ser registrada em conformidade com a documentação do projeto com a classificação adotada pelo, sem o risco de haver equívocos, pois caso haja algum problema é possível identificar e localizar cada documento no acervo físico e no registro digital. Esse detalhe mostrou-se útil, sobretudo no tocante ao mapeamento da ordem da coleção fotográfica face às pastas enviadas e recebidas e seus respectivos catálogos.

A última etapa técnica corresponde à inserção das fotografias no servidor da Prefeitura Municipal de Cascavel para que essas sejam disponibilizadas aos pesquisadores e ao público em

geral. As imagens são lançadas tendo em vista a identificação de que dispõem na catalogação.

Para o acesso ao acervo eletrônico há necessidade de estar conectado à internet e de um navegador capaz processar o endereço virtual. O endereço eletrônico, como foi anteriormente citado é: <http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu>. Na página do projeto o internauta estabelecerá o contato inicial com o sistema no qual as imagens estão inseridas e os agrupamentos dessas. O primeiro passo consiste em acessar o link “banco de imagens” (à esquerda). A partir desse serão exibidos os temas – maior grupo. Para fins ilustrativos percorremos a guia “política”, um dos temas do acervo eletrônico. O acesso ao referido tema proporcionará ao internauta o contato com os assuntos – grupo intermediário. O último desdobramento são as galerias. Ao clicar na galeria desejada o internauta estabelecerá contato com pequenas projeções das imagens postadas pela equipe do projeto de extensão. As projeções contam com a descrição da fotografia a direita da imagem. Ao visualizar as projeções, o internauta poderá avaliar de modo preliminar a imagem. Caso encontre a desejada deverá dirigir a seta do mouse até ela e pressionar o botão esquerdo. A projeção da fotografia será gerada, contendo a ficha catalográfica ao lado esquerdo. Na imagem estará presente um letreiro que atribui o devido crédito ao MIS de Cascavel.

**FIGURA 3:** TELA DE EXIBIÇÃO DA FOTOGRAFIA ESCOLHIDA PELO INTERNAUTA



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. *Acervo Fotográfico do Museu da Imagem e do Som de Cascavel*. In: \_\_\_\_ **Página da Prefeitura Municipal de Cascavel**. Disponível em: <<http://www.cascavel.gov.br/servicos/museu/detalhe.php?imagem=2011052616804.jpg>> Acesso: 09 Jul 2011.

<sup>29</sup>Subcoordenador do Projeto “Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel” e ex-coordenador do Laboratório de Microfilmagem e Digitalização da UNIOESTE. Atual diretor do Campus de Marechal Cândido Rondon.

<sup>30</sup>CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e memória**. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP: FAPESP, 1999. p. 53-54

Na ficha há as informações necessárias para que dados gerais sobre as imagens sejam conhecidos e para o acesso às imagens físicas seja facilitado. Os dados para o acesso estão nos campos “DVD” e “Pasta”. Se ambos forem devidamente anotados e levados ao MIS, a equipe que lá trabalha poderá imediatamente direcionar o pesquisador à fotografia desejada. A solicitação da fotografia deverá ser realizada tão somente em Cascavel, sob a assinatura de documentação cabível.

A partir do momento que as imagens são expostas na internet há a possibilidade de internautas contribuírem com acréscimos de informação, que auxiliam na correção de dados relativos ao conteúdo do catálogo on-line. Todavia, o indivíduo precisa se dirigir ao Museu da Imagem e do Som para, mediante assinatura de documentação cabível, informar os dados que precisam ser corrigidos – talvez esse seja um dos pontos mais profícuos levados a diante a partir da execução do projeto de extensão, o seu caráter extencionista, o que sugere a produção paulatina de um acervo virtual que privilegie a pluralidade de visões sobre a interpretação histórica da cidade de Cascavel.

Parte das incumbências da equipe envolvida no projeto, durante as atividades, foi refletir acerca do que seria necessário para que este objetivo fosse alcançado. Neste caso e a partir das discussões, sobressaiu o entendimento da necessidade de realizar a coleta de outros documentos, provenientes de outros locais que não somente o acervo da Prefeitura Municipal de Cascavel. O acervo da prefeitura, por seu teor demasiadamente centralizado e oficial, acabou proporcionando à coleção um caráter político institucional exacerbado. O procedimento de ampliar os locais para coleta de documentos agregaria ao museu eletrônico o contato com outras histórias, presentes na região. Essas são tão importantes quanto a história político institucional. Conhecê-las e divulgá-las, sem dúvida, é essencial para a construção de um ambiente mais democrático.

Caso um centro de memória seja constituído por vetores específicos de construção de sentido, seja esse político, cultural, econômico, a construção de um acervo virtual torna-se um problema, sobretudo quando levamos em consideração as propriedades históricas dos centros de memória e

da própria memória enquanto representação social na era da informação. É o que debateremos no próximo item.

### **Museu real/museu virtual: plataformas distintas, lacunas permanentes**

Os centros de memória necessariamente se expressam a partir de enquadramentos de memória. Todo e qualquer acervo museal, mesmo virtual, não está livre dessa contingência. Assim o são por serem expressões da preocupação de governos e grupos em organizar um passado coletivo e emití-lo ao restante da sociedade por meio da organização narrativa dos traços materiais produzidos pela atividade humana no tempo, os suportes. O modo como esses objetos e informações são organizados expressa, de maneira mais ou menos direta, concepções de sociedade, tempo, passado, presente, futuro, etc.

Todavia, a memória não é um dado imanente, definido e passível de circunscrição, mas um constructo social continuamente atualizado segundo necessidades estabelecidas no presente. E os centros de memória, face à sua posição diante das coletividades, paulatinamente foram assumindo um lócus estratégico, político e cultural, no gerenciamento das memórias. Todavia, cabe-nos questionar: se a memória é variável, em que medida ocorre seu gerenciamento?

De início é importante situar a memória enquanto um campo de negociação no interior da sociedade, pois reivindica valores e identidades para um indivíduo, grupo ou nação na medida em que oferece elementos de coesão social. O arranjo de memórias é, portanto, fundamentalmente um instrumento político. Para Nora:

A memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um 'estar aqui' que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele.<sup>31</sup>

Em sua obra “História e Memória”, Jacques Le Goff expõe um grande leque de distinções e considerações sobre o conceito de memória, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. O autor define a memória enquanto um conjunto de

<sup>31</sup>NORA, 1993, op. cit., p. 8.

funções neuropsíquicas que permitem ao indivíduo estabelecer conexões com uma dada realidade passada<sup>32</sup>. Essa definição apontada por Le Goff, estabelece a memória enquanto um processo que se dá ao nível do sujeito e em permanente mutação. Todavia, embora possamos considerar tal dimensão pertinente, haja vista que a compreensão da individualidade é essencial para entendermos a vida em sociedade, a dimensão de memória que mais nos interessa nesse momento é a coletiva.

No âmbito coletivo a memória se erige a partir de lugares, crenças, valores, rituais e instituições. Na atualidade, porém outros meios surgem como portadores de sentidos de memória e nesse hall seguramente podem-se incluir os sites de internet, e as mídias vinculadas a partir desses. Para refletirmos sobre essas questões cabe recuperarmos as reflexões de Pierre Nora sobre os “lugares de memória”. Para o autor, na sociedade contemporânea, devido à carência de meios de memória, grupos e governos consideraram conveniente projetar locais nos quais memórias pudessem ser disparadas, mas ao mesmo tempo geridas. Segundo o autor, um lugar de memória pode ser assim considerado se apresentar simultaneamente dimensões materiais, simbólicas e funcionais:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese,

pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou.<sup>33</sup>

Os locais de memória são, portanto, recursos para o “disparar de memórias”, mas também para gerencia-las. Sobre esse assunto, Michal Pollak nos alerta que a eficácia do gerenciamento de memórias se manifesta, também, por meio do esquecimento. Ele destaca a apropriação que alguns indivíduos realizam de memórias de outros ou mesmo a elaboração que realizam a partir de eventos que envolveram pessoas representativas dentro de um determinado grupo. Conforme o autor:

Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estritamente separadas, ora vão faltar no relato ou na biografia.<sup>34</sup>

Todavia, quando nos referimos aos acervos eletrônicos, outros elementos devem ser questionados. Conforme indicado anteriormente, a sociedade contemporânea está percorrendo um momento de intensas transformações as quais afetam não somente o modo como consumimos e nos movemos, mas também como nos relacionamos com os demais seres humanos e a noção que temos do tempo e dos fatos. Cada vez mais os recursos de mídias passam a ser ferramentas de trabalho e de produção de materiais.

É nesses meandros que podemos situar a virtualização do acervo do MIS de Cascavel. O acervo eletrônico se apresenta como histórico. Assim é pela proposta que enseja: abrigar e conservar um conjunto de fotografias que retratem

<sup>32</sup>LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. p. 423.

<sup>33</sup>NORA, 1993, op. cit., p. 21-22.

<sup>34</sup>POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 202.

cenar do passado de Cascavel. A sua posição institucional o tensiona a oferecer ao usuário do site vetores de memória de ordem coletiva para o município de Cascavel, orientadas a ressaltar aspectos muito bem determinados da trajetória pública e econômica do local.

No caso do acervo eletrônico do MIS, outros problemas devem ser discutidos. Por si só um acervo fotográfico eletrônico já oferece vetores extremamente problemáticos de exibição, o que em alguns momentos pode reduzir um documento histórico a uma representação dispersa e sem referentes. Nos acervos eletrônicos históricos o problema é ainda maior. Sobre tais questões, pontua Andreas Huyssen:

O passado rememorado com vigor sempre estará inscrito no presente, a começar pela nutrição de nossos desejos inconscientes até a orientação das nossas ações mais conscientes. Ao mesmo tempo, o passado rememorado com vigor pode se transformar em memória mítica. Não está imune a fossilização, e pode tornar-se uma pedra no caminho das necessidades do presente, ao invés de uma abertura no *continuum* da história.<sup>35</sup>

Ao falarmos em história imediatamente vem à mente das pessoas o termo passado. Por passado podemos entender os eventos e acontecimentos que ocorreram em um tempo anterior àquele no qual o sujeito que lembra está inserido. O ato de lembrar, por sua vez, implica ao indivíduo realizar um deslocamento temporal por meio de uma narrativa sendo, portanto, um trabalho que exige do sujeito o trato com informações que podem, ou não, estarem circunscritas no interím de suas experiências pessoais. Para Jörn Rüsen:

A constituição histórica de sentido dá-se, pois não apenas na forma de uma narrativa elaborada a partir de uma prática cultural oriunda das rotinas do cotidiano, como em uma celebração cívica, em um discurso gratulatório (...). Ela perpassa todas as dimensões das mais diversas manifestações da vida humana. Ela pode efetuar-se na

forma de procedimentos inconscientes que influenciam a vida concreta, como o recalque, o afastamento ou a reinterpretção das lembranças, experiências e interpretações impostas que incomodam. Ela perpassa a comunicação no dia-a-dia, na forma de fragmentos de memória e de histórias, de símbolos, cujo sentido só transparece na narrativa.<sup>36</sup>

A memória, portanto, não é um dado permanente. Ela varia, flutua e se contradiz. Também se expressa por meio do esquecimento e do silenciamento que são, por sua vez, práticas sociais. Conforme Michael Pollak:

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. (...) A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. (...) é um fenômeno construído (...) em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.<sup>37</sup>

A partir de todo um processo de compartilhamento sócio memorial, podemos afirmar que grande parte do que os sujeitos têm por mnemonicamente registrado, do ponto de vista individual, não está necessariamente circunscrito nas experiências vividas no seu passado. A memória individual se recria e se modifica constantemente.

Joel Cândau<sup>38</sup> enuncia que a faculdade humana da memória é marcada por dimensões distintas. O autor, a partir de tal constatação, a divide em três tipos, respectivamente: a *protomemória* designada como parte profunda da memória individual, associada às práticas mais interiorizadas no indivíduo como os gestos e os comportamentos, um *habitus* atuante em grande medida a partir de dimensões inconscientes; a segunda propriedade seria a memória, tal como definimos tradicionalmente, como faculdade de

<sup>35</sup>HUYSSSEN, 2000, op. cit., p.68.

<sup>36</sup>RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da história:** os fundamentos da razão histórica. Brasília: UNB, 2001. p. 156-159.

<sup>37</sup>POLLAK, 1992, op. cit., p. 203-204.

<sup>38</sup>CÂNDAU, 2011, op. cit., p. 23-27.

guardar, trabalhar e recuperar informações retidas sobre um tempo anterior, seja por meio da narrativa ou de outras representações; e, finalmente, a terceira propriedade seria a *metamemória*, expressa pelo mecanismo de representação e rememoração o qual associa um conjunto de percepções que um indivíduo tem de si ao de um determinado grupo.

As três dimensões se ligam profundamente, não sendo em muitos casos possível definir os limites de cada uma. Todavia, aos historiadores torna-se fundamental o entendimento acerca das propriedades que incidem sobre a construção que um indivíduo realiza sobre o passado. Entramos em um dos pontos mais críticos. O indivíduo da atualidade encontra cada vez mais elementos que o tensionam identitariamente. O mundo parece estar em um momento faustico informacional. Há informações, dados e respostas, mas efetivamente não se questiona muito a tudo isso.

Convém, portanto, pensarmos como essas questões incidem sobre o acervo eletrônico do MIS de Cascavel. Pensar por meio de tal eixo implica em levarmos em consideração as propriedades da memória, acima elencadas, e da fotografia. As propriedades da fotografia em recriar realidades oferecem um campo insólito e brumoso ao observador, cuja única referência é o evento retratado. Segundo Sontag:

Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. (...) Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem.<sup>39</sup>

No caso da história do município de Cascavel, faz-se necessário, a luz do entendimento sobre o estatuto de verdade das representações socialmente constituídas do local, pensarmos em alternativas que propiciem aos usuários do acervo eletrônico o estabelecimento de contatos com outros referenciais de memória. Entendemos que um arquivo, museu, acervo, independente de qual seja, onde esteja e a quem se filie, deve preocupar-se em permitir a reflexão de seu público sobre os

diversos mecanismos que no presente permitem que o passado expresse sentido. De acordo com Ulpiano Bezerra de Menezes:

O problema não está, em verdade, na presença dominante das bases de dados eletrônicos (sem lembranças, recordações, reminiscências), nem na intermediação extrema e intensa, mas na qualificação do juízo crítico e sensibilidade política desse homem, que poderá ser desmemoriado, embora detentor de poderosa memória artificial; alienado, apesar de hiperinformado; e anti-social, apesar de imerso numa rede fabulosa de comunicação.<sup>40</sup>

O passado não é um valor universal, cuja simples evocação porta sentidos, mas um arranjo consubstanciado em traços oriundos da atividade humana no tempo, os documentos históricos. Os centros de memória cumprem o papel de organizar esses traços e a eles atribuir coesão e sentido. Assim, um centro de memória, de qualquer teor, é fundamentalmente uma narrativa sensorial, organizada a partir de concepções de mundo e de poder.

Tendo em vista as particularidades dessas questões, e as incongruências da comunicação midiaticizada, somos tencionados a pensar a composição dos acervos eletrônicos e o modo como imagens são postas à disposição do público, não somente por meio da análise dos números, mas a partir da capacidade de diálogo e construção coletiva levada a diante a partir dessas práticas.

### Considerações Finais

A partir desse texto, procuramos elencar elementos para a reflexão, alternativas e propostas para a exibição de acervos documentais tomando como base a experiência realizada no projeto "Ações para Higienização, Catalogação e Digitalização do Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Cascavel". Procuramos demonstrar que a internet é uma alternativa viável de expor o acervo ao público. Todavia, também buscamos pensar de que modo essa prática incide não somente sobre a ideia de preservar e divulgar o

<sup>39</sup>SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 16.

<sup>40</sup>MENESES, 1999, op. cit., p. 21.

acervo, mas de globalizar representações mnemônicas sobre um local, no caso, Cascavel.

Do ponto de vista técnico, até o presente momento, outubro de 2012, a equipe do projeto de extensão trabalhou com cerca de quinze mil fotografias impressas. Dessas, foram lançadas no servidor da Prefeitura Municipal de Cascavel cerca de dez mil. Sob o aspecto técnico, levar a diante o projeto é importante por vários motivos: podemos situar, por exemplo, o cuidado para com o acervo, pois, na medida em que as ações são executadas a vida útil das imagens fotográficas comprovadamente irá aumentar. Ainda em relação aos cuidados, a partir do momento em que as fotografias estão disponíveis à consulta eletrônica, o uso das fotografias impressas será restringido, o que resultará na diminuição dos possíveis danos causados pelo seu manuseio.

A partir do projeto de extensão também se multiplicam as possibilidades de atividades possíveis para uma série de instituições da região (escolas, universidades, museus, dentre outras). A virtualização do acervo do MIS de Cascavel concomitantemente proporciona alternativas a um dos maiores problemas que se lançam ao pesquisador atualmente: a carência de meios viáveis de acesso a fontes e a suportes de pesquisa. Diante dessa realidade boas ideias são abandonadas em detrimento de outras, cuja execução não demande deslocamentos espaciais longos e recursos financeiros. A disponibilização das fontes torna-se, portanto, de suma importância, pois permite ao pesquisador trabalhar com a certeza de saber onde e de que modo ele pode encontrar os documentos históricos pertinentes à sua pesquisa.<sup>41</sup> Portanto, o projeto consiste em uma atividade de extrema importância, pois garantirá o conhecimento, a preservação e o contato do público de modo rápido e seguro com um rico acervo fotográfico cuja composição retrata aspectos importantes da história da região oeste do Paraná.

Também procuramos demonstrar ser basal a compreensão de que mesmo tendo seu acervo fotográfico transposto a um ambiente virtual, o MIS de Cascavel permanece sendo um centro de memória, portador de um acervo e passível das contingências próprias desses locais. Esses jamais

conseguirão não estar submetidos a enquadramentos de memória sendo eles mesmos espaços de disputa pela afirmação e reelaboração sobre o passado. Fundamental é pensarmos como podemos avançar nos debates e em que medida os espaços disponibilizados pelas tecnologias podem vir a oferecer vantagens à disponibilização de outras percepções sobre o passado e ao confronto, algo essencial quando pensamos historicamente.

Artigo recebido em 22/08/2011  
Artigo aprovado em 30/08/2011

---

<sup>41</sup>A discussão nos chama a refletir sobre o modo como incidem esse amplo conjunto de transformações nas entidades dedicadas à conservação e exibição dos acervos físicos. Esse aporte, porém, passa pela tematização de outras questões, cujo debate necessita ser inscrito em um texto a parte.